



## EXPOSIÇÃO

# NÃO ME CALO

Cartazes artesanais de protesto (da Troika às manifestações pelo ambiente)

### NÃO ME CALO!

Um dos cartazes mais humildes que temos é um pequeno fragmento de cartão, talvez uma aba de uma tampa de caixa, no qual está escrito «Não me calo!», com ponto de exclamação e tudo. É humilde no seu tamanho e expressão, não tem nenhuma qualidade gráfica especial, mas diz tudo o que há a dizer. Apesar de passar despercebido na parafernália dos livros e papéis, temos muita honra e muito gosto em tê-lo. Não é só um cartaz, é uma palavra de ordem.

Não sei quem o fez, mas quem o levou a uma manifestação percebia que falar ou estar calado faz uma diferença gigantesca quando se quer protestar.

A colecção de cartazes artesanais do arquivo ephemera é única no país e bastante rara fora dele. Neste momento, tem mais de 300 cartazes recolhidos em manifestações por todo o país e alguns fora de Portugal.

Há cartazes catalães, independentistas, ingleses, contra Trump, e franceses, do movimento dos gilets jaunes, e anteriores, contra a lei do trabalho e Macron. As regras para ser incluído na colecção é o cartaz ter sido feito pelo próprio que o exhibe, sendo por isso único, e ser artesanal na sua confecção, mesmo que haja alguns feitos por artistas plásticos e designers com uma mão mais treinada. São quase todos de cartão,

o cartão das caixas, cortado ou rasgado, escrito com marcador ou tinta, com várias cores ou monocolor, alguns com desenhos ou colagens. O cartão é colado numa vara, ou num pedaço de estore. Alguns têm duas faces, para valerm por dois. Vistos no seu conjunto, mostram a multiplicidade dos protestos e das vozes que representam.

É uma colecção ecléctica do ponto de vista cultural e político. Vai desde a manifestação pela leitura, passando pelo «que se lixe a troika», até aos protestos a propósito dos incêndios. Nela estão contidos protestos esquerdistas e de extrema-direita, feministas, nacionalistas, ecologistas, laborais, anti-racistas, contra a gentrificação, estudantis, ou por causas várias. É um retrato do protesto na sua dimensão mais pessoal: alguém vai manifestar-se e faz o cartaz com que vai atacar ou apoiar alguma coisa, a greve climática, o combate ao patriarcado e ao machismo, os baixos salários, a corrupção, a expulsão dos velhos habitantes do centro das cidades.

Os cartazes dizem muito sobre quem os faz: percebe-se a idade, o léxico, os erros de ortografia, os palavrões, os estrangeirismos. Percebe-se o sexo, e percebe-se que são raparigas e mulheres as mais ousadas e

criativas, e, dentro desse universo, no caso português, as brasileiras, que animam como ninguém muitas manifestações, principalmente feministas. Lá no meio aparece Lula e a sua némesis Temer. Mas há também espanholas, estudantes de Erasmus, uma das quais fez o mais famoso cartaz da colecção, que deu origem à habitual guerra fátua das redes sociais e a um artigo do *Público*, abundantemente partilhado: «farta até à cona...». É da natureza das coisas que, fosse qual fosse a razão de estar «farta», a atenção parasse na palavra obscena. O mundo do protesto é mais complexo e rico do que se imagina.

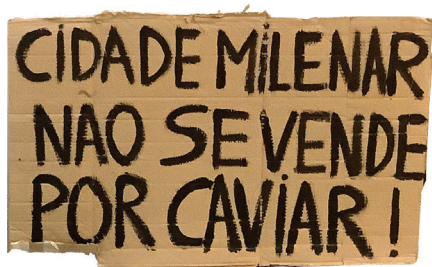
Os cartazes, muitas vezes abandonados depois das manifestações ou deitados ao lixo, são diligentemente recolhidos pelos amigos e voluntários do arquivo e, agora cada vez mais, oferecidos pelos próprios autores depois de exercerem a sua função. No trabalho do ephemera ganham uma segunda vida que não os «amansa», nem os torna objectos de um mostruário morto, mas prolonga a sua acção. A Helena Sofia foi a primeira a perceber o potencial da colecção para quem se dedica ao estudo do *design*, do protesto e da sua gramática traduzida em objectos e palavras. A exposição feita no Barreiro com um título paralelo da integrada na Porto Design Biennale, *O Que Faz Falta é Agitar a Malta*, foi, por isso, um grande sucesso, num armazém perdido no meio do mundo póstumo do maior complexo fabril da história portuguesa.

O rastro das manifestações continua a interessar-nos. O arquivo ephemera de há muito que se interessa pelo carácter físico das coisas, pelos objectos, num mundo que crescentemente se deslumbra com o virtual e digital. Os objectos são da dimensão do

humano, dos nossos sentidos, transportam uma verdade especial, a da sua materialidade. Sartre, quando quis explicar o que era o existencialismo, usou o exemplo de uma garrafa. Lenine, quando quis gozar com a obra do bispo Berkeley, sugeriu-lhe atravessar uma rua sem olhar para os carros. Por aí adiante.

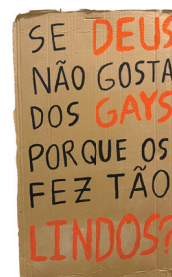
Quando o museu Victoria & Albert, em Londres, iniciou uma colecção inovadora a que chamou Rapid Response Collecting, em 2014, já fazíamos o mesmo tipo de recolhas, mas a natureza da colecção do museu ajudou-nos a precisar o objectivo: perceber que alguns objectos triviais são tocados pela história. Na colecção do Victoria & Albert, apresentada inicialmente no próprio museu de uma forma marginal, numa passagem, como se não tivesse a dignidade dos cristais de Lalique ou das tapeçarias de William Morris — o local fazia sentido para se perceber que não é só *design*, nem artesanato, nem arte, mas história material. Há uns sapatos Louboutin, os computadores do *The Guardian* destruídos à marretada por lá terem estado os documentos de Snowden (um gesto puramente simbólico, porque eles já estavam em todo o lado), ou umas calças de ganga feitas numa fábrica oriental de salários de miséria, que ardeu matando muitos operários.

Nós temos o prego usado no referendo de Timor para furar o boletim de voto, uma lâmpada de mineiro asturiano oferecida por mineiros (percebe-se como é pesada), os carimbos usados para fazer falsificações de passaportes de activistas exilados, e, como no Victoria & Albert, um *pussyhat*. E muitos cartazes da escola do «Não me calo!»



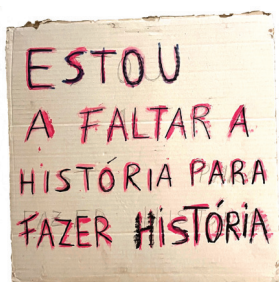
## É HOJE? TRABALHO E TROIKA E TUDO

Milhares de pessoas saíram à rua nas principais cidades do país a 15 de Setembro de 2012 e a 2 de Março de 2013, contra a Troika e a austeridade, em manifestações cuja dimensão apenas encontra paralelo histórico no 25 de Abril e 1 de Maio de 1974. Antecipadas pelos protestos da Geração à Rasca em 2011 (que inspiraria também os Indignados espanhóis), e apesar dos diferentes contextos políticos em que ocorreram, as manifestações identificavam algumas das questões estruturais que continuam a ser reclamadas nas comemorações anuais de Abril e Maio. A precariedade laboral, a concentração da riqueza, o trabalho reprodutivo, os direitos de refugiados e emigrantes e a habitação urbana são exemplos das causas mobilizadoras de protesto. Agitar e animar a malta, para evocar os cartazes feitos em 2017 pelo grupo «As Toupeiras» em torno da canção de Zeca Afonso, faz ainda muita falta.



## NÃO É NÃO FEMINISMO E LGBTI+

A Marcha das Mulheres, que encheu Washington de pussyhats no dia seguinte à tomada de posse de Donald Trump (2017), teve repercussão mundial e chegou também às ruas portuguesas. Convocada no seu rescaldo, a Greve Feminista Internacional chegou dois anos depois e foi assinalada com manifestações que traduziram a adesão a uma causa feminista alargada, hoje mais interseccional. Antes dela, as concentrações e manifestações contra a desigualdade de género, a violência doméstica e sexual e a justiça patriarcal e sexista foram assumindo uma expressão crescente, alinhadas não só com outros movimentos e protestos internacionais (o Ni Una Menos na Argentina, o caso da «Manada» em Espanha, o #metoo), mas motivadas directamente por casos específicos de violência de género e acórdãos judiciais, que provocaram indignação entre a população portuguesa. Mas a luta também se faz de festa, e a da Marcha LGBTI+, cuja edição lisboeta assinalou 20 anos em 2019, faz-se hoje em mais cidades do país, com mais gente.



## NÃO HÁ PLANETA B EMERGÊNCIA CLIMÁTICA

A emergência climática, a sustentabilidade ambiental, os direitos dos animais e a ordenação do território, e, a partir de todas estas lutas, o direito ao futuro são hoje causas mobilizadoras de muitas vozes e esforços de representação. Em 2017, o drama humano dos incêndios em Portugal levaria para as ruas a defesa da biodiversidade e a exigência de melhores políticas ambientais. No mesmo ano, a Marcha Mundial do Clima apontara à exploração petrolífera na costa portuguesa. Muitos destes protestos são globais, como o problema que os motiva, e encontram eco um pouco por todo o mundo, adaptando-se o mote a contextos locais ou particulares. São igualmente globais a contestação aos agro-negócios monopolistas e o mais recente movimento da Greve Climática Estudantil, com os cartazes dos estudantes portugueses a revelar o perfil de uma geração cuja cultura integra com naturalidade o inglês e a retórica dos memes.

*Helena Sofia Silva*

*in "Que Força é Essa"*

*Lisboa, Edições Ephemera / Tinta da China, 2019*

## FICHA TÉCNICA

### COORDENAÇÃO

José Pacheco Pereira

Luísa Tiago de Oliveira

### PROJECTO EXPOSITIVO

João Alves da Cunha

### TEXTOS

José Pacheco Pereira

Helena Sofia Silva

### RECOLHA DE CARTAZES FAIXAS E VÍDEOS

Helena Sofia Silva

Júlio Sequeira

Rita Montez

### MONTAGEM

Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

João Alves da Cunha

Tiago Luzio

### AGRADECIMENTOS

André Freire

Luís Nuno Rodrigues

Nuno Madureira

Rui Pena Pires

Sandra Saleiro

Biblioteca Iscte

Eventos Iscte

Gabinete de Comunicação Iscte

Serviços de Infraestruturas Informáticas e de

Comunicações Iscte



**Ephemera**  
Associação Cultural

**cies** \_iscte

**iscte**

INSTITUTO  
UNIVERSITÁRIO  
DE LISBOA